

UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO EM ADOBE NA FREGUESIA DE REQUEIXO – AVEIRO

Joana Maia

Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico
Faculdade de Arquitectura/Universidade do Porto (FAUP)
E-mail: joana.maia@gmail.com

José Aguiar

Faculdade de Arquitectura/Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL)
Rua Professor Cid dos Santos, Pólo Universitário, Alto da Ajuda – 1349-055 Lisboa
E-mail: jaguiar@fa.utl.pt

Tema 4: Arquitectura vernácula e contemporânea

Palavras-Chave: Adobe, arquitectura vernácula, preservação

Resumo

O concelho de Aveiro, situado na beira litoral, é um território de características peculiares, marcado por sucessivos processos de mutação. As suas características geo-morfológicas influenciam decisivamente os processos construtivos adoptados na construção do território. O adobe ganhou aqui uma importância primordial como sistema de construção tradicional, materializando a estrutura base do tecido territorial, definido fundamentalmente no século XIX e primeira metade do século XX. Considerado comumente como material menor, opinião associada às suas conhecidas limitações para a construção em altura, o adobe foi sistematicamente desvalorizado no meio urbano, ocorrendo frequentes adulterações às construções deste tipo. É sobretudo no meio rural que se conserva ainda um número significativo de exemplares da arquitectura vernacular da região, com adequada genuinidade.

A sudeste do concelho de Aveiro, situa-se a freguesia de Requeixo, outrora concelho de grande importância no distrito, hoje uma das freguesias mais recônditas e rurais. A presença da Pateira de Fermentelos (à semelhança da Ria em Aveiro) forneceu o lodo que viria a gerar os peculiares adobes de terra, aqui vulgarizados. Na primeira metade do século XX, o adobe de cal e areia ganha particular impulso, retirando gradualmente a primazia aos adobes de terra. Requeixo é, pela presença da pateira e pela proximidade a Travassô, um lugar estratégico que testemunha e revela um quadro completo e representativo da construção em adobe no concelho de Aveiro.

Pouca investigação foi produzida e pouco se conhece sobre a arquitectura de terra e sobre as formas de construção tradicional desta zona do país. O *Inquérito a Arquitectura Regional Portuguesa*, marco na recolha da arquitectura tradicional, realizado entre o ano de 1955 e 1960, não registou a casa gandaresa e os resultados das construções com terra específicas desta região. Depois, pouco foi escrito no que respeita à materialização destas arquitecturas salvo raros contributos, curiosamente fora do âmbito da arquitectura, antes devidos aos olhares da antropologia, da geografia e da medicina, disciplinas que deixaram um contributo mais amplo sobre a história destas construções.

Nos últimos anos verificou-se um crescente interesse por parte das universidades portuguesas relativamente às questões da arquitectura vernacular e de terra, incentivando novos estudos, surgindo as primeiras investigações de fundo e estudos da maior relevância nas áreas da engenharia e da ciência dos materiais.

O objectivo desta comunicação, resultante de uma investigação que deu origem a uma dissertação de mestrado desenvolvida na FAUP, passa pela divulgação de um estudo produzido sobre a realidade construtiva da freguesia de Requeixo. Estudaram-se os tipos habitacionais predominantes nesta arquitectura rural, bem como os seus anexos agrícolas, muros e poços, estruturas em adobe que constroem o território da freguesia. Aborda-se não só as características arquitectónicas mas também construtivas, com particular incidência no material adobe e na sua caracterização, procurando elucidar o percurso havido desde a sua manufactura até à sua aplicação em obra. Para finalizar serão apontadas as principais

anomalias e suas causas, sugerindo algumas formas de intervenção, com o intuito de salvaguardar este património cultural e vernacular.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A região de Aveiro, situada na beira litoral, apresenta um território muito peculiar, relacionado tanto com as suas características geo-morfológicas, como com o diálogo que tem mantido com os rios e com o mar ao longo dos tempos *“Foi a partir do diálogo constante entre a terra e a água que se orientou e definiu o desenvolvimento de toda a região circundante. Foram o mar e os rios que desenharam o mapa.”* (Ferreira, 2001, p.15).



Fig.1 – *Evolução da região de Aveiro, do século X à actualidade.*
(Crédito: Santiago, 2007, p.17)

O território foi lentamente conquistando terreno ao mar, já que apesar das investidas este foi perdendo a sua massa líquida ao longo dos séculos. Este factor foi reforçado com a formação do cordão de dunas junto ao litoral, materializando igualmente o estrangulamento das águas do rio Vouga, permitindo a formação da Ria de Aveiro. Mas não só na cidade o diálogo entre terra e água deixou marcas profundas. A freguesia de Requeixo, hoje de características vincadamente rurais e de localização interior a sudeste do concelho de Aveiro, era no século X banhada pelas águas marítimas. A sua topografia permitiu que após o recuo do mar fosse formada a pateira de Fermentelos (Azevedo, 1965, p. 145), elemento hídrico de grande relevância para o desenvolvimento da freguesia a vários níveis (1).

Os solos alagadiços da Ria de Aveiro por um lado, e da pateira de Fermentelos por outro, contribuíram não só para a fertilização natural dos campos agrícolas através da extracção do *lodo* rico em elementos vegetais (Leal, 1878, p. 146), garantindo parte da economia da região, mas igualmente para a construção do edificado através da manufactura de adobes de terra de cariz muito particular. Mas não só de adobes de terra se fez a história da construção tradicional local. As condicionantes físicas do território, caracterizadas pela escassez da pedra *“Em Aveiro não há pedra. [E esta] Foi desde sempre um bem raro”* (Rodrigues, 2004, p. 30), e pela abundância de terrenos argilosos e arenosos, permitiram que a construção tradicional adoptasse os recursos disponíveis no meio envolvente (2). Assim, a arquitectura vernácula adoptou a terra como material primordial de construção (tanto o *lodo* como a areia) e o adobe como técnica de eleição (3), marcando decisivamente a construção do edificado local sobretudo no século XIX e primeira metade do século XX (4), conferindo à região características particulares.

Aqui vive-se, de um lado uma realidade urbana, litoral – a cidade de Aveiro - e, do outro, uma realidade rural, de interior – a freguesia de Requeixo. Não obstante as diferenças evidentes, estas realidades tocam-se em alguns aspectos significativos. No entanto, e apesar do uso da terra predominar tanto na construção rural como urbana,

o que se verifica hoje é uma adulteração mais acentuada dos sistemas construtivos do seio da cidade, igualmente de visualização dificultada pelo recurso recorrente aos materiais de revestimento. Já no meio rural, o uso de revestimentos é normalmente adoptado apenas na fachada principal, permitindo uma maior visualização do sistema construtivo, que aqui é assumido de forma mais “limpa”, ou seja, sem grandes misturas com materiais ditos modernos.

As características de ruralidade permitiram que o abandono das técnicas tradicionais se desse mais tardiamente nas freguesias interiores, habitando ainda na população residente a memória dos saberes tradicionais. A freguesia de Requeixo (5) é um local chave para estudo deste *corpus*, para a restituição dos saberes e para o estudo dos sistemas e dos materiais adoptados, para o estudo patológico e percepção das anomalias inerentes, visando a implementação de soluções que permitam preservar valores patrimoniais e estas arquitecturas de terra tão características desta região. Aqui existem adobes de terra e adobes de cal produzidos com três tipos distintos de areia, e acredita-se que o seu estudo pode ser relevante para a caracterização desta freguesia tanto quanto para o melhor conhecimento das realidades construtivas do território do concelho de Aveiro.

2. OS TIPOS ARQUITECTÓNICOS

Não só no material empregue e no sistema construtivo adoptado se verifica a relevância deste tipo de construções. Os tipos arquitectónicos existentes em Requeixo, na sua organização funcional e espacial, revelam valor cultural e enquanto testemunho da vivência específica local de uma dada fase da nossa história. Com a agricultura e a pastorícia a dominar desde sempre a economia da freguesia, não é de estranhar que a construção do *habitat* (6) se adaptasse a um *modus vivendi* pleno de ruralidade.

Apesar da existência de outros tipos e modelos habitacionais dignos de nota, é de facto a casa-pátio de índole rural aquela que por aqui predomina de forma esmagadora. Enquadrada na definição de *casa gandraesa* (Oliveira e Galhano, 2003, p. 190 - 192), a casa de pátio térrea é resultado da conjugação de uma série de influências que ao longo do tempo foram dominando o território, desde a época castreja (Santiago, 2007, p. 61) passando por uma maior estruturação no período romano (Santiago, 2007, p. 83), consolidando-se e adaptando-se às exigências de cada tempo até aos dias de hoje, numa longa evolução que lhe forneceu particularidades e definindo-se como tipo dominante da arquitectura civil rural, típica da região da Gândara (7).

O desenvolvimento urbano, tal como no resto da região, era feito de forma linear ao longo das vias de comunicação, “*constituindo assim povoações alongadas*” (Girão, 1922, p. 102 e 103). Numa estratégia simples de composição do território a rua aparece como esqueleto, com a construção do edificado a assumir a musculatura adossada a este, constituindo desta forma o *corpo urbano*. A rua era vivenciada não só como espaço de circulação, mas sobretudo como espaço de socialização, onde a ausência do veículo automóvel conduzia à formação de vias de perfil contido, de usos mais familiares. O tipo de divisão de propriedade desenvolvia-se em parcelas cuja geometria é um quadrilátero, estreito e de grande comprimento posterior, com a célula habitacional a dominar o limite geométrico à face da rua, apresentando uma sequência: rua / habitação-alfaias agrícolas-gado (ou *aido*) / eira-poço-quintal (ou *cortinha*), e já fora do complexo habitacional da casa-pátio, mas ainda dentro do lote.

No que respeita à arquitectura, dentro do tipo genérico da *casa gandraesa* alguns autores especificaram variantes (Oliveira e Galhano, 2003), onde é possível perceber que os complexos habitacionais de Requeixo se enquadram no tipo *casa de Mira* (predominante nesta localidade). Por uma questão de coerência geográfica, adoptaremos aqui a designação de *casa pátio fechado*. Ao contrário da *casa-bloco*, a

casa pátio fechado caracteriza-se pela existência de um pátio central em terra batida, que permite a ligação entre todos os elementos que compõem o complexo habitacional, beneficiando-o ao nível da salubridade. No que respeita às suas características gerais, destacamos: primazia no tratamento da fachada à rua ao nível dos revestimentos, onde vulgarmente a composição janela-porta-janela-portão predomina; fachadas laterais que revelam paramentos em adobe à vista e um postigo no topo se existir aproveitamento de sobrado; pátio central descoberto, embora fechado, onde se articula toda a vivência do organismo; habitação estruturada em duas fases – volume nobre à rua onde se localizam os quartos, sala(s) e corredor de acesso, e volume secundário, posterior e de nível mais baixo, onde encontramos as duas cozinhas, uma mais rústica (a casa do forno), e outra utilizada como sala de refeições.

Relativamente aos espaços da *casa pátio fechado*: a *sala* é apenas utilizada em dias especiais como os de festa religiosa, atribuindo ao portão o papel de entrada diária em detrimento da entrada principal; os *quartos*, utilizados apenas para dormir, apresentam espaços limitados; as *cozinhas* (8), localizadas a um nível inferior, são normalmente contíguas e materializam a ligação ao pátio através de um alpendre. A instalação sanitária não é englobada na organização espacial da habitação, já que as necessidades de higiene amplificam-se no meio rural em meados do século XX (no entanto, o complexo habitacional contempla uma construção diminuta em terra, munida de uma estrutura de madeira com buraco, onde eram saciadas as necessidades mais básicas). O banho era tomado no exterior, com baldes de água retirados do poço (9). A habitação desenvolve-se usualmente em sistema de corredor central, de distribuição interna aos diferentes espaços habitacionais.

Para além da *casa pátio fechado*, predominante, onde o pátio central descoberto é totalmente encerrado pelas diferentes dependências, foram detectadas algumas variantes dignas de nota (10):

- *casa pátio fechado com muro*, onde num dos lados o complexo é encerrado não por volumetria mas por um muro em terra;
- *casa pátio fechado com aproveitamento de piso*, onde apesar de não se assumir como casa de andar, revela mesmo na fachada à rua o aproveitamento do sobrado;
- *casa pátio fechado com destaque da habitação*, onde o volume da habitação se desloca do complexo habitacional para fazer face à rua;
- *casa pátio fechado com desenvolvimento paralelo à rua*, onde o desenvolvimento não se dá na perpendicular à rua, como é apanágio da variante dominante.



Fig.2 e 3 – Casa gandraesa - casa pátio fechado na taipa – Esquisso e fotografia.
(Crédito: Maia, 2009, p.51)

Embora o tipo arquitectónico predominante na freguesia de Requeixo seja a habitação, outras estruturas utilizaram a terra, como os anexos agrícolas, os muros limites de propriedade e contenção de terras, e os poços. Os anexos agrícolas são estruturas elementares de um piso, muitas com aproveitamento superior, onde eram guardadas as alfaias agrícolas. Adaptaram o mesmo sistema construtivo das habitações, embora de execução menos elaborada. Os muros de contenção de terras são simples, ao

passo que os muros limite de propriedade apresentam reforço e desenho de marcação nas extremidades, nomeadamente como forma de marcar o vão de entrada. No remate superior do muro é usual a aplicação de uma fiada de adobes na vertical. Os poços apresentam geometria circular, e um murete acima do solo onde encaixa uma viga de cimento (substituindo as vigas originais de madeira) de suporte do engenho. As suas fundações podiam ser em pedra vermelha de Eiol, dependendo das características do solo, ou em adobe através da execução de *tinão* - no fundo uma cofragem perdida de adobe e madeira, permitindo no assentamento do muro uma maior estabilidade.

3. O MATERIAL ADOBE E O SISTEMA CONSTRUTIVO ADOPTADO

Na freguesia de Requeixo podem ser observados fundamentalmente três tipos de adobes – *adobes de terra* (de aplicação mais antiga); *adobes de cal* (com aplicação dominante a partir do século XX); e *adobes de cal e cimento* (de aplicação pontual em fundações de novas construções a partir da segunda metade do século XX). Pelo cariz dominante dos dois primeiros tipos, abordaremos apenas estes, deixando a nota de testemunhos recolhidos que afirmam a maior resistência e durabilidade dos adobes de cal e cimento.

Ao nível dos materiais utilizados e procedimento na manufactura, cada tipo de adobe assume aqui particularidades específicas: 1. *Adobes de terra* – eram executados com o lodo extraído do *esteiro* da pateira de Fermentelos (designada *terra preta gorda*, ou *zorrão*), num local onde a terra argilosa continha gramão incorporado, sendo propícia à produção de adobes para a construção. O cuidado ao nível do tipo de matéria-prima recolhida não era fruto de análises de campo, mas sim de um conhecimento intuitivo e empírico, herdado e transmitido oralmente de geração em geração. A terra, demasiado argilosa, continha por defeito uma *estabilização por armação* (11), funcionando como estrutura interna, conferindo maior solidez e durabilidade ao adobe. A matéria-prima era então recolhida por meio de uma forquilha, e transportada por uma bateira para a margem de Requeixo, onde era efectuada a manufactura. A terra amassava-se com água no *amassadouro*, com ajuda de vacas *marinhoas* ou por pés humanos, e transportada por carro de mão de madeira (ou *coxo*) para o *tendal*. Aqui era moldada em *adobeiro* de madeira e sujeita a um processo de cura que podia durar no mínimo um mês. Depois dos adobes secos, eram empilhados no próprio *tendal*, sendo pontualmente cobertos com cereais em caso de chuva forte ou gelo, protegendo a integridade física do bloco; o transporte, tal como nos adobes de cal, era efectuado em carro de bois, dispendo-os em pilhas eram transportados para o local da obra.



Fig.4, 5, 6 e 7 – *Reconstituição histórica – adobes de terra (Requeixo).*
(Crédito: Maia, 2009)

2. *Adobes de cal* – eram executados com a areia extraída nos areiros da freguesia, ou nas localidades vizinhas. De granulometria por vezes considerável, originando *adobes de seixo*, a areia extraída poderia ser de três cores distintas: branca (extraída na freguesia mas sobretudo no lugar de Requeixo); amarela (extraída na freguesia e localidades vizinhas); e vermelha (extraída em Travassô, localidade próxima). As areias amarela e vermelha eram as que apresentavam maior quantidade de argila, embora por vezes se efectuasse a mistura de diferentes tipos como forma de garantir uma matéria-prima mais eficaz, com menor necessidade de estabilização. Não obstante, enquanto solo arenoso a sua *estabilização por cimentação* era inevitável, sendo necessária a introdução de um ligante como a cal, de forma a solidarizar os grãos de areia. A cal utilizada na produção de adobes ao nível local era a *cal churra*, também designada na região de *cal parda* ou *cal preta* (Veiga *et al.*, 2008, p.3), com a particularidade de ser proveniente de um calcário com dolomite (i.e. com alguma percentagem de argilas), originando a *cal dolomítica*, uma cal aérea com alguma hidráulicidade. A cal aérea mais pura, de cor branca, a *cal cálcica*, era utilizada apenas nos revestimentos. Apesar de alguma divergência nos testemunhos recolhidos, podemos concluir que a *cal churra* em “cal viva”, após o processo de calcinação da pedra, era apagada juntamente com a areia, aspergindo-se com água, sendo tudo posteriormente bem *traçado*. Embora a *cal churra* pudesse ser apagada à parte, com antecedência, beneficiando de um período de repouso, este procedimento era mais recorrente com a cal cálcica (12). Após a mistura com enxada da areia, da cal e água no *amassadouro*, com um traço a rondar os 3:1, a mistura resultante era transportada para o *tendal*, onde era *estendida* nos adobeiros em sistema de corredor. Os adobes por vezes podiam ser carimbados ou marcados com um pau, fechando uma dada quantidade efectuada. O processo de cura poderia demorar um mês, e não existiam preocupações de protecção às intempéries. Depois de secos, os blocos eram empilhados e conduzidos ao local da obra.



Fig.8, 10 e 11 – *Reconstituição histórica – adobes de cal (Requeixo);* Fig. 9 – *Reconstituição (Eirol)* (Crédito: Maia, 2009)

As características de ambos os tipos descritos são bem distintas, já que os adobes de cal apresentam maior peso, resistência e durabilidade, não sendo portanto de estranhar a substituição progressiva aos adobes de terra, mais frágeis nomeadamente no contacto com a água. Ambos revelam um excelente comportamento térmico e

acústico, conforme testemunham os habitantes locais. Este material foi sendo progressivamente substituído em meados do século XX, com o aparecimento de materiais como o betão e o tijolo.

A afinação destas técnicas construtivas revela grande sabedoria empírica, resultando em soluções estabilizadas e em uso durante séculos, equilíbrio apenas abalado na segunda metade do século XX, com a introdução de novos materiais e técnicas estranhos à lógica existente. Em termos de caracterização, o sistema construtivo geralmente adoptado nas edificações locais era o seguinte:

1. *Fundações* – as fundações podiam ser em pedra vermelha de Eirol, no caso dos adobes de terra, já que as características do material não permitiam o contacto prolongado com a água. As fundações elevavam-se a um metro do solo, evitando o contacto com as águas do solo (prevenção do efeito de capilaridade). Já nos adobes de cal, as fundações eram executadas igualmente em adobes de cal, embora a *uma vez*, permitindo não só uma maior estabilidade construtiva como o apoio dos barrotes de madeira de suporte do soalho.

2. *Paredes* – eram aplicadas normalmente a *meia vez*, em sistema desencontrado de juntas verticais. As juntas eram em simples argamassa de assentamento, podendo ocorrer a aplicação de pedra vermelha de Eirol como junta vertical, beneficiando na aderência das argamassas de revestimento. Os cunhais não eram reforçados, sendo as peças aplicadas apenas de forma desencontrada, ao contrário de alguns vãos onde se percebe meios de reforço, nomeadamente na execução de arcos nos onde este é colocado a *uma vez*. Os *archetes* eram sistemas aplicados no topo dos vãos, como forma de aligeiramento da padieira normalmente em madeira (Maia, 2009, p. 178-182).

3. *Pavimentos* – as zonas nobres como quartos, sala(s) e corredor principal eram em soalho de madeira, assente em barrotes de madeira com caixa de ar. A ventilação era acautelada pela abertura de respiros na fachada principal, devidamente fechada com grelhas metálicas evitando a intrusão de animais. As cozinhas poderiam ser igualmente em soalho, embora fosse mais frequente a terra batida (sobretudo a casa do forno), posteriormente cimentadas ou revestidas com peças cerâmicas.

4. *Coberturas* – estruturas usualmente de duas águas em madeira de pinho. Podiam ser simples (terças, caibros e ripas) ou elaboradas (introduzindo perna, pendural e linha). Na casa do forno e dependências agrícolas era frequente a aplicação simples de telha-vã, ao passo que nos restantes espaços habitacionais o forro de madeira era predominante. A telha original cerâmica era de canudo, sendo posteriormente substituída por telha marselha. Os paramentos exteriores eram protegidos com beiral na fachada principal e pendente de tiro nas fachadas do pátio.

5. *Revestimentos* – Os interiores eram revestidos a argamassas de cal e areia, assim como os exteriores, sobretudo na fachada principal. Em pontos estratégicos como socos, frisos, colunas e molduras eram utilizados *stuccos* como forma de realce, mas também para reforço e protecção. Aqui podia ser também utilizada igualmente pedra vermelha de Eirol ou granito (mais raro), embora a introdução da pedra fosse um luxo pouco acessível à generalidade da população. A partir do século XX o azulejo ganha primazia como elemento de revestimento dos paramentos, revelando ao nível local o estatuto social e financeiro do proprietário. As fachadas laterais e traseiras eram apenas reforçadas com argamassas de assentamento, sem qualquer preocupação estética, visando meramente a protecção do paramento em adobe.

4. PRINCIPAIS ANOMALIAS E ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA A SALVAGUARDA DESTES PATRIMÓNIO CULTURAL

A água conferiu uma peculiaridade evidente a este território, contribuindo de forma decisiva para o seu desenvolvimento, mas é, igualmente, o principal agente da degradação destas edificações feitas em terra. É de facto a presença da água, a par de outros *agentes intrínsecos* (envelhecimento natural) e *extrínsecos* (atmosféricos, biológicos, fenómenos naturais ou factores humanos), o factor patológico primordial; as anomalias que desencadeia resultam de fenómenos de capilaridade, de infiltrações (mais raramente de condensações). São disso exemplo: desagregação dos materiais de base (perda de coesão interna), o escurecimento e aparecimento de musgos nas zonas inferiores dos paramentos junto ao solo (obrigando a drenagens); destacamento dos revestimentos devido a eflorescências (associadas pelos populares a uma doença do material, dita a *tinha*), provocadas por infiltrações nos paramentos; manchas negras e bolores provocadas pela falta de ventilação dos espaços, etc.. A frequente fendilhação e fissuração nos paramentos resulta: da introdução de argamassas de cimento, que pelo comportamento distinto (mais rígido) não acompanham os movimentos naturais do material de base, fissurando facilmente; pela introdução de redes e instalações sem o devido cuidado na aplicação e remate nos paramentos em terra; frequentes assentamentos diferenciais das fundações (arrastamento de finos, etc.). Abertas brechas, está aberto o caminho à ainda maior entrada da água com os seus efeitos nefastos conhecidos, inicialmente apenas nos paramentos, mas proliferando aos materiais associados como é o caso da madeira.

As condensações são sobretudo resultado da substituição das antigas janelas de madeira por caixilharias em alumínio, não permitindo o arejamento natural da edificações, resultando em consequências nefastas. Verificou-se igualmente patologia derivada da anulação da caixa de ar do pavimento, resultando em destacamentos de revestimentos das paredes interiores, eflorescências e desintegração do adobe. Os pontos de ligação entre os materiais são também locais problemáticos, merecendo como tal atenção redobrada (tanto na inspecção como nos pormenores a desenhar).

Do ponto de vista do material propriamente dito, foi possível perceber que os adobes de terra apresentam maior vulnerabilidade à degradação, formando *rugos*, ou melhor, micro-fissuras nas faces já irregulares do adobe e pontualmente *furos* ou mesmo *cavernas*, o que pode estar associado ao ataque de agentes biológicos. Já os adobes de cal, quando portadores de um traço correcto, são bastante mais resistentes e duradouros. No entanto, quando a quantidade de cal é inferior à necessária, poderá dar-se o desgaste acelerado das peças, tal como demonstra a figura 14.



Fig.12, 13 – Formas de degradação - adobes de terra (*Requeixo*); Fig. 14 – Formas de degradação – adobes de cal (*Azurva*) (Crédito: Maia, 2009).

O adobe, enquanto técnica de construção em terra, apresenta vantagens e desvantagens (Maia, 2009, p.129-132), sendo fundamental conhecê-las com vista a potenciar as mais valias e combater as debilidades, só assim se poderá fazer deste um material de futuro, a par da sua valorização enquanto material do passado. O paradigma na forma de viver o espaço rural começa a alterar-se, apesar da vivência antiga ainda enraizada. É fundamental saber adaptar as construções existentes às novas exigências contemporâneas, obviamente com adequado respeito pelo modelo existente.

Uma construção parada no tempo tornar-se-á obsoleta, o seu não-uso potencia um óbvio processo de degradação. Acções periódicas de manutenção são fundamentais, prevenindo hoje problemáticas futuras e prolongando o tempo de vida útil do edifício. Quando acções de conservação são necessárias, a estratégia deverá ser pautada primeiro pela identificação e eliminação das causas, para posteriormente se passar à reparação das anomalias. Não existem receitas em conservação, mas as orientações internacionais traçadas relativas ao património edificado apontam para a utilização de materiais compatíveis com os existentes e para a prática de intervenções reversíveis e ciclicamente repetíveis no tempo, que não afectem a autenticidade material do objecto.

A desvalorização acelerada do edificado vernacular e em terra nestes lugares é acelerada e gritantemente desqualificada; revela uma perda de ligação com as formas de vida, seus saberes e práticas que lhes deram origem (a vida das gentes é hoje cada vez mais outra e bem distinta daqueles antigos modos e tempos rurais) tanto quanto um desconhecimento profundo desta arquitectura e sua cultura construtiva (ainda maior por parte dos técnicos).

A sensibilização para o valor destas construções, por parte da população, da administração local e dos técnicos de várias disciplinas continua a ser, ainda hoje, fundamental. O seu estudo e divulgação é, portanto, relevante (tal como sempre alertam as recomendações internacionais aplicáveis ao património em terra), e importa unir esforços na luta pela preservação deste, ainda pouco reconhecido, património cultural, com expressão material mas também imaterial (dos saberes tradicionais que vamos perdendo). A marca das intervenções de cada tempo deve ser distinguíveis nestas arquitecturas como marca de sucessivas contemporaneidades, sem colocar no entanto em causa as integridades essenciais, os valores culturais herdados e por cada geração sucessivamente acrescentados. Mas para alcançar este desígnio é obviamente preciso sustentar as necessárias acções de intervenção em sólidas bases de conhecimento, tanto quanto numa muito sólida capacidade crítica.

Bibliografia

Azevedo, C. (1965). *O distrito de Aveiro*, Volume I. Aveiro: Tepolive, pp.145.

Ferreira, F. (2001). *A antiga freguesia de Eixo e Oliveirinha e a sua população (1666-1900) : estudo demográfico*. Aveiro: Câmara Municipal, pp.15.

Leal, A. (1878). *Portugal antigo e moderno – Dicionário geographico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, de grande numero de aldeias, se estas são notáveis por serem pátria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram lugar, põe serem solares de famílias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, allí existentes, noticia de muitas cidades e outras povoações da lusitânia de que apenas restam vestígios ou somente a tradição*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, pp.146.

Maia, J. (2009). *A construção em adobe na freguesia de Requeixo, em Aveiro – Orientações para a sua preservação enquanto património cultural*, Dissertação de mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico. Porto: FAUP.

Neves, C. et al. (2005). *Seleção de solos e métodos de controle em construção – Práticas de campo*. PROTERRA, Projecto de investigação XIV.6, CYTED Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento.

Oliveira, E. e Galhano, F. (2003). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Rodrigues, M. (199?). *A construção civil em Aveiro, 1860-1930: notas para a sua compreensão histórica*. Actas do colóquio A indústria portuense em perspectiva histórica. S.l.:s.n.

Rodrigues, M. (2004). *Aveiro, cidade de água sal argila e luz*. Aveiro: Câmara Municipal, pp.30.

Santiago, L. (2007). *A casa gandraesa do distrito de Aveiro, Contribuição para a sua reabilitação como património cultural – Dissertação de mestrado em Recuperação do património arquitectónico e paisagístico*. Évora: Universidade de Évora, pp. 61.

Teixeira, C. e Zbyszewski, G. (1976). *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000, nota explicativa da Folha 16-A, Aveiro*. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos de Portugal.

Veiga, M.; Velosa, A.; Tavares, M. (2008). *A cor das argamassas – Revista construção Magazine*, n.º25. Porto: Publindústria, pp. 3.

Notas

(1) Requeixo foi no passado localidade de grande importância, com a pateira de Fermentelos a desempenhar um papel fundamental para este efeito. Tendo pertencido à Casa de Bragança, a pateira é cedida ao povo da freguesia em escritura datada do século XVII, com validade até aos dias de hoje. Actualmente, este elemento hídrico enquadra-se na Zona de Protecção Especial da Ria (1999).

(2) Do ponto de vista geológico, o litoral caracteriza-se pela predominância de *Depósitos modernos*, já a freguesia de Requeixo enquadra-se na mancha do *Plio-Pleistocénico* (os *Depósitos de praias antigas* e *Depósitos de terraço* oferecem areias grosseiras), onde igualmente dominam as bacias sedimentares mesocenozóicas do *Cretácico* e *Triássico* (para além das argilas e de alguns calcários, predomina o arenito de tonalidade vermelha comumente designado pedra vermelha de Eirol) (Teixeira e Zbyszewski, 1976).

(3) A matéria-prima era trabalhada no seu estado plástico, e moldada em adobeiro de madeira, previamente molhado, salpicado de areia ou com aplicação interna de uma chapa metálica lisa. A geometria dos moldes era paralelepípedica, com dimensões variáveis – adobes de parede, adobes de muro e adobes de mendão (mais estreitos, utilizados nas paredes interiores).

(4) O testemunho herdado pelo património edificado existente revela uma predominância de construções datadas do século XIX e primeira metade do século XX. No entanto, alguns testemunhos construídos revelam datações anteriores, onde se percebe a predominância do uso da pedra vermelha de Eirol (arenito local), mas também de adobes de terra executados com o *lodo* da pateira de Fermentelos. Parte das construções da Quinta do Assento, datadas do século XVII, documentam este facto, demonstrando que o uso da terra na construção do edificado é bem anterior ao que numa primeira leitura possa parecer.

(5) A freguesia de Requeixo comporta os lugares de Requeixo, Taipa e Carregal.

(6) O tipo habitacional é dominante na freguesia, sendo o lugar de Requeixo aquele que revela maior número de equipamentos, enquanto sede de freguesia. Não obstante, também aqui a predominância do tipo habitacional é inquestionável.

(7) Existe alguma controvérsia entre autores na definição exacta dos limites físicos da região gandaresa. No entanto, mesmo que a área em estudo se encontre um pouco deslocada da mancha exacta, as características de ocupação do território são no entanto idênticas, justificando-se assim o enquadramento arquitectónico nesta matriz.

(8) De salientar que as cozinhas materializavam o lugar primordial de reunião familiar.

(9) A introdução da instalação sanitária revela-se hoje um dos pontos mais delicados na adequação deste edificado aos tempos modernos.

(10) Para além da casa pátio fechado, existem outros tipos e modelos relevantes, como a casa pátio de andar ou a casa urbana. No entanto, a sua predominância é claramente inferior.

(11) A estabilização por armação, através da junção de palha é uma técnica milenar (Neves, 2005, p.11), não sendo aqui introduzida posteriormente, mas existindo o cuidado no acto de extracção em escolher terra com elementos vegetais já incorporados por natureza.

(12) A *cal churra* deveria ser totalmente apagada antes do processo de moldagem, prevenindo a fissuração do adobe. A cal cálcica podia ser crivada antes de utilizada.

Curriculum

Joana Maia, Arquitecta (ESAP, 2005), Ingresso na Ordem dos Arquitectos (AAVV, 2006), Especialização em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico (FAUP, 2008), Mestranda em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico (FAUP, 2008/ 2009).

José Aguiar, Arquitecto (ESBAP/DA - FA/UTL, 1986), é Professor Associado da FAUTL e foi Investigador do LNEC. É Doutor em Conservação (UE, 2000), Coordenador de dois cursos de Mestrado e de Doutoramento no domínio da Conservação e da Reabilitação (FAUTL); é/foi docente de cursos de pós-graduação no exterior e no país, como o *Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico* (FAUP, 2007-2009), e *Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico* (EU, 1994-2003). É Presidente do ICOMOS-Portugal.